

MURRO EM PONTA DE FACA

TEXTO: AUGUSTO BOAL | DIREÇÃO GERAL: PAULO JOSÉ

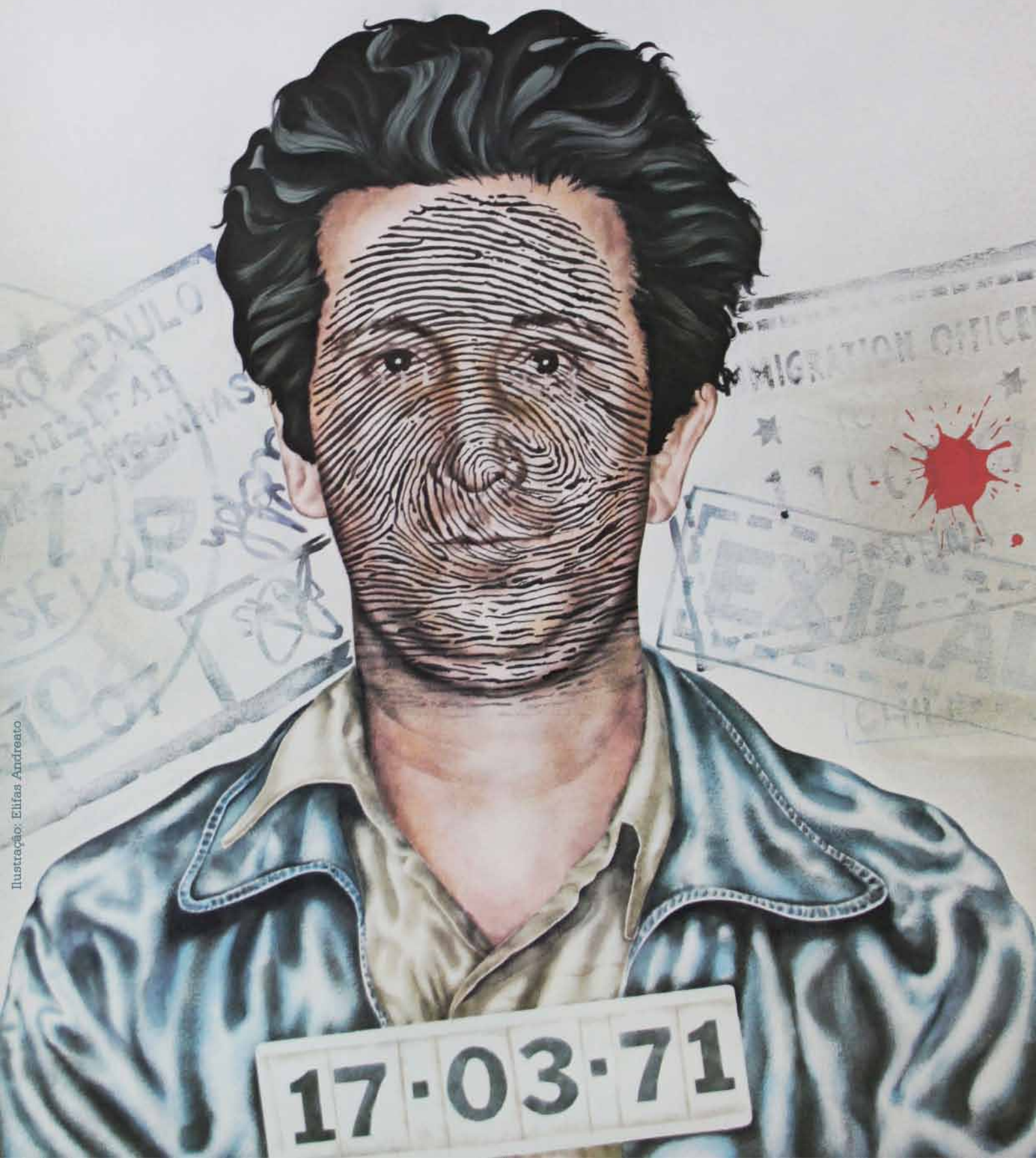


Ilustração: Elías Andreato



A PRE SEN TA ÇÃO

Murro em Ponta de Faca, texto emblemático da dramaturgia brasileira, escrito por Augusto Boal durante seu exílio no exterior e o primeiro a ser montado em território nacional - pelas mãos de Paulo José, em 1978 e novamente em 2011 - apresenta a vivência de um grupo de exilados brasileiros na época da Ditadura no Brasil em sua trajetória pelo Chile, Argentina e França. Segundo Gianfrancesco Guarnieri, "de todas as peças do Boal é a que mais transmite o Boal mais completo.... não é uma peça sobre o banzo, estilo minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, é uma exposição exata e pungente da condição do exilado, do horror das perseguições... do andar em círculo daqueles a que se nega pouso, pátria, raiz. Embora mergulhado na emoção, Boal mantém-se todo o tempo à tona, retendo a lucidez que lhe permite a criação de personagens típicos, de valor universal... a um tempo que tem personalidade e características específicas, são personagens universais - são exilados... Murro em Ponta de Faca, obra importante em qualquer tempo e lugar". Selecionado único no Prêmio Myriam Muniz 2010 de montagem pelo Paraná, o espetáculo estreou não por acaso, dia 31 de Março de 2011, no Festival de Curitiba e fez temporada no Rio de Janeiro, Espaço SESC Copacabana em Abril e Maio do mesmo ano.

OB JE TIVO

Circulação/apresentação do espetáculo Murro em Ponta de Faca, de Augusto Boal e direção de Paulo José.

Através desta montagem, objetiva-se estender a obra de Augusto Boal - um dos nomes mais importantes do teatro contemporâneo e de ampla atuação/repercussão internacional - bem como apresentar a temática do exílio a diversos públicos, especialmente à nova geração, objetivando entre outras, o resgate e valorização da memória nacional através dos conteúdos do texto proposto.

JUS TI FI CA TI VA

O espetáculo traz o “exílio” como temática e propõe resgate histórico de um período recente da história do Brasil, não sabido e /ou ignorado por muitos e, na contramão do esquecimento, investir no desejo de falar e reconhecer um Brasil e os brasileiros que não desistem. Lembrar o que se esqueceu, valorizar o que se ignorou, compartilhar o que se negou. Historicamente (re)conhecer e (re)conhecermos-nos. E através deste texto de precisa radiografia histórica e de temática universal, apresentar fatos e reflexões, buscando ressonâncias históricas, sociais e estéticas do Brasil atual.

Considera-se a excelência dramaturgica da obra e a atualidade temática, bem como a importância do autor, Augusto Boal, grande nome do teatro contemporâneo internacional, falecido recentemente. Boal foi atuante no Teatro de Arena de São Paulo (1956/1970). Criador do Teatro do Oprimido, metodologia cênico-pedagógica internacionalmente conhecida e segundo Yan Michalski, o “homem de teatro brasileiro mais conhecido e respeitado fora do seu país”. Indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2008, seu trabalho com o Teatro do Oprimido e em março de 2009, nomeado pela UNESCO como embaixador mundial do teatro. Recentemente, o jornal inglês The Guardian afirmou que Augusto Boal “é uma figura internacional tão importante quanto Brecht ou Stanislavsky”. E ainda, a excelência artística do diretor, Paulo José, bem como o comprovado trabalho do proponente e dos profissionais envolvidos (ver ficha técnica).

E somado à excelência, ao compartilhamento artístico, aos propositivos intercâmbios entre criadores, técnicos e públicos de distintas regiões, possibilitar através do teatro, a valorização da memória nacional dos agentes históricos fundamentais no entendimento dos rumos da conquista da Democracia no País. Reconhecer e estender “aos que virão depois de nós” um pouco do que fomos e somos, relevando novos olhares e atores de nossa história, pois o esquecimento é um dos principais fatores que moldam a lembrança nacional.

FI CHA TEC NI CA

Texto: Augusto Boal
Direção Geral: Paulo José
Elenco: Gabriel Gorosito, Laura Haddad, Sidy Correa, Erica Migon, Abilio Ramos, Espedito di Montebranco e Nena Inoue

Iluminação: Beto Briel
Figurino: Rô Nascimento
Cenário: Ruy Almeida
Direção Sonora: Daniel Belquer
Preparação Vocal: Babaya e Célio Rentroya

Assistente de Direção e Participação Musical: Roberto Souza
Assistente de Iluminação: Espedito Di Montebranco
Assistente de Figurino: Sabrina Magalhães

Ilustração: Elifas Andreato
Designer Gráfico: Martin de Castro
Fotografia: Roberto Reitenbach e Leo Viana

Produção Executiva e Administração: Larissa Crocetti

Idealização e Diretora de Produção: Nena Inoue
Realização: Espaço Cênico

RIDER TEC NICO E DE PRO DUÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO ESPETÁCULO
Murro em Ponta de Faca

COMPANHIA / DADOS/ CIDADE E PAÍS DE ORIGEM
Espaço Cênico
Razão Social: Espaço Cênico Produções Artísticas Ltda
CNPJ - 02238081 - 0001-98
Endereço: R. Paulo Graeser Sobrinho, 305.
Sao Francisco - 80 510-170 - Curitiba - Paraná - Brasil
Telefone: 55 41 3338 0450
E-mail: espacocenico@espacocenico.art.br

CONTATOS

Produção:
Nena Inoue - nenainoue@hotmail.com - 55 41 92369466
Larissa Crocetti - larissacrocetti@gmail.com - 55 41 96365715

Larissa Crocetti - larissacrocetti@gmail.com - 55 41 96365715

IN FOR MA ÇÕES TEC NI CAS

DURAÇÃO DO ESPETÁCULO: 1h40 minutos

PALCO

Preferencialmente formato arena. Dimensões mínimas: 6,5m x 8,0m

CENÁRIO E OUTROS

Volume 01: Mala de 50 x 30 x 70 cm com 03 malas internas. (0,10 m³)

Volume 02: Mala de 50 x 30 x 70 cm com figurinos. (0,10 m³)

Volume 03: Mala de 45 x 25 x 65 cm com 03 malas internas. (0,07 m³)

Volume 04: Mala de 80 x 40 x 90 cm c/ figurino e objetos de cena do personagem Barra. (0,28 m³)

Volume 05: Conjunto de 02 "Três Tabelas" de 30 x 20 x 50 cm. (0,03 m³)

Volume 06: Conjunto de 02 "Três Tabelas" de 30 x 20 x 50 cm. (0,03 m³)

Volume 07: Conjunto de 02 "Três Tabelas" de 30 x 20 x 50 cm. (0,03 m³)

TOTAL: 0,65 m³.

Opcional: 08 chapas de compensado de piso de 220 x 160 x 1 cm (0,28 m³).

ILUMINAÇÃO

MATERIAL

16 lâmpadas par foco 05

08 colortran ou set light 500 watts

23 Refletor Elipsoidal 50°

12 refletores plano convexo de 1.000 watts

14 refletores fresnell de 1.000 watts

04 refletores pimbim ou par 36

EQUIPAMENTOS: Mesa computadorizada com mínimo 24 canais dimerizados

MATERIAL DE SOM

02 caixas de som amplificadas de no mínimo 250 watts RMS (se for arena acrescentar mais 2)

01 cubo de baixo (caixa amplificada p/ instrumento). Mínimo 150 watts RMS e falante de no mínimo 15 polegadas). Marcas preferenciais: Gallien-Kruegger, Mesa Boogie, Fender, Peavey ou JBL

Cabeamento P10 (banana) balanceado, que chegue das caixas até o palco.

MONTAGEM E DESMONTAGEM

Tempo de montagem do cenário, luz e ensaio técnico no teatro: de 08 a 12 horas

Desmontagem de cenário: 1h

EQUIPE DE VIAGEM / DESLOCAMENTOS

06 atores (4 aereas CWB/LDA/CWB + 1 aerea RJ/LDA/RJ + 1 terrestre RJ/LDA/RJ)

01 diretor (1 aereaRJ/LDA/RJ)

01 assistente (1 aereaRJ/LDA/RJ)

01 ator/assistente luz (01 aerea - CGR/LDA/CGR)

01 produtor (01 terrestre - (CWB/LDA/CWB)

Total Passagens

04 passagens aereas - CWB/LDA/CWB

03 passagens aereas - RJ/LDA/RJ

01 passagem aerea - CGR/LDA/CGR)

01 passagem terrestre - RJ/LDA/RJ

01 passagem terrestre - CWB/LDA/CWB)

ROOMING LIST: 04 quartos duplos (elenco e equipe) + 01 quarto single (diretor)

INFOR MAÇÕES COMPLE MEN TARES

Considerando a característica da montagem, preferencialmente o uso em teatro/espço arena/semi arena e/ou outras ocupações em espaço multiuso.

Se necessário for, enviaremos material específico da montagem (DVD e clipping), currículos, trajetória do proponente, fotos e demais material que se fizer necessário, conforme acerto entre as partes.

Possibilidade de programação complementar através de exposição em homenagem a Augusto Boal, com imagens e outros registros históricos (vídeos, fotos, matérias, etc...), afim de contextualizar e referenciar o público apresentando um pouco do panorama da Ditadura no Brasil e na América Latina nos anos 70.

Considerando o interesse histórico da temática da obra proposta, além das apresentações para o chamado público espontâneo, sugere-se apresentações de projeto escola direcionadas a alunos/público à partir de 14 anos, preferencialmente da rede pública.

RE LE A SE

Escrita em 1971 pelo então recém-exilado Augusto Boal (1931-2009), 'Murro em Ponta de Faca' teve uma única montagem nacional em 1978, dirigida por Paulo José.

Era uma forma de lembrar o amigo, que na época desenvolvia seu trabalho em países vizinhos. Mais de três décadas depois, a convite de Nena Inoue, Paulo retomou o texto e se alarmou com a atualidade das questões ali tratadas, através da história de um grupo de brasileiros exilados em plena ditadura militar. Para homenagear Boal, a peça ganha nova montagem com elenco curitibano.

A dura realidade do exilado, que permeia todo o trabalho, é também a responsável pela contemporaneidade do texto. Lendário companheiro de Boal e Paulo no Teatro de Arena (1953-1972), Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), ao analisar a obra, concluiu que embora mergulhado na emoção, Boal mantém-se todo o tempo à tona, retendo a lucidez que lhe permite a criação de personagens típicos, de valor universal.

'Ainda que tenham personalidade e características específicas, são personagens universais - são exilados...', escreveu na época. Ao longo dos ensaios, Paulo se deu conta que a primeira montagem era mais fria do que atual, marcado com forte carga emocional. Talvez porque o contexto político não esteja tão próximo, dando lugar aos dramas existenciais das personagens. 'A condição do exilado é muito dura. Ele não tem direito algum, ninguém quer saber, ele não tem moeda de troca, é um pedinte, um fedorento...', conceitua.

A versão de 1978 foi encenada pela companhia de Othon Bastos e trouxe no elenco nomes como Renato Borghi, Francisco Milani e Marta Overbeck. Os cenários e figurinos eram de Gianni Ratto e Chico Buarque assinava o roteiro musical espetáculo. Na atual montagem a iluminação é do premiado Beto Bruel, cenários de Ruy Almeida e conta com música ao vivo

Projeto da produtora e atriz curitibana Nena Inoue, do Espaço Cênico, 'Murro em Ponta de Faca', apresentou-se no Festival de Curitiba em Março de 2011, com o diretor Paulo José fazendo algumas intervenções nas cenas, no que se conceituou como 'ensaio-espetáculo' e estreou no Rio de Janeiro, no Espaço SESC Copacabana, com temporada em Abril e Maio do mesmo ano.

Esta montagem foi contemplada pela Fundação Nacional de Artes, com o Prêmio Funarte Myriam Muniz 2011









